

Minha quimera andou por tantos bares e em cada porto, construiu morada, foi tanto amor voando pelos ares, sonho acordado, triste, na calçada...

Tanta ilusão bebi, por tantos bares, os devaneios, à beira da estrada, paixões morrendo, pelo chão, aos pares, minha quimera, na praia, afogada...

Partiu, o amor, levado pelo vento, minha esperança encheu-se de poeira, o coração, vazio o sentimento, fez a ilusão morrer na cachoeira...

Resta a saudade, eterna companheira, levando a vida... pela corredeira.

Fernando Teófilo, Eterna Companheira; em Estro 69

Quem serei? Quem sou eu? Não me conheço e tu, meu sócia, te conheces já? Estudaste a tua alma pelo avesso, tua mortalidade que será?

Nota-me bem. Feito do mesmo gesso, que o mesmo em tudo sejas. Oxalá! E, sendo assim, contigo me pareço, e, o que és, comigo se parecerá.

Verás, a olhar-me, tua imagem cara, que a face é minha, mas o rosto é teu, e a exatidão a aparência desmascarará.

Relembrarás alguém que ontem morreu, e reencarnado em mim, hoje te encara, sem saber quem tu és, ou quem sou eu.

José Martins Fontes (1884-1937), Nosce Te Ipsum, em Grandes Sonetos da Nossa Língua (José Lio Grünwald), 1988

Há um espelho antigo no meu quarto e, nele, um velho estranho. Todo dia, o vejo ali, me olhando... Estou já farto de vê-lo assim me olhando, todavia.

Não sei quem pode ser, mas não descarto a ideia de que é um doido, com mania de espionar-me. Um dia desses, parto o velho espelho pelo qual me espia.

Ah, ei-lo ali! De branco, azul, vermelho tão logo eu o olho, ele aparece. Quando não olho mais, se esconde atrás do espelho.

Mas, toda vez que nós assim nos pomos, tenho a impressão que estamos nos olhando para saber quem realmente somos.

Ziver Ritta, Estranho no Espelho; em Fanal 0009

Se riquezas tantos têm os meus bens são bem diversos. Nos dias que vão e vêm, tenho a riqueza dos versos. Miguel J. Matly, em Estro 69

Procura a felicidade nas mansas asas da prece: – pratica sempre a bondade mesmo com quem não merece. Petrarca Maranhão, em Milênio 0007

Só pensa em sexo o Odilon, diz ao juiz a esposa tensa. – Minha senhora, isto é bom! – Mas seu juiz, ele só pensa... Joubert de Araújo Silva, em BI UBT Magé 0009

Maria Ruth Brito Neto, em BI UBT 0003

Para minha alma com frio é sempre temeridade enfrentar o desafio do agulhão de uma saudade. Com o tempo assim passando eu não sei qual é mais tendo, se a velhice assim chegando se a doação do aderno. E onde procurar o brio de seguir bem com a vida se o calor do sol de estio, não mais estimula a lida? A natureza fenece e assisto assim esse inferno: se honra e sol o homem merece, se o calor do sol de inverno. Manoel Fernandes Menendez

Octávio Paz (1914/1998), Juventud; de Lo Mejor de Octavio Paz – El Fuego de Cada Día, 1989

Saudando-vos com carinho, através do meu cantar, pretendo em vosso caminho rosas brancas desfolhar...

Colombina (1882-1963), em Fanal 0009

Enxameando os fios, juntinhas, as andorinhas namoram o estio.

Cyro Armando Catta Preta, Chilreios; de Palhas do Tempo, 1993

Diante do morto: nunca sabemos se o que morre mora aqui perto ou onde se lembra do nosso nome

Eu não morri, Constatação; em À Beira, 1999

Tenho usado tanto este corpo é justo que eu o deixo que eu o deite que o esqueçam.

Eu não morri, Entendimento; de Risco, 1998

abandonar o corpo a pátria as conversas as tardes compridas terás de abandonar o sonho e o sono o perfume os jasmims

um dia terás de abandonar tudo tentará guardar teu rosto se desmanchando também na memória prova desde agora o gosto da palavra adeus.

Eu não morri, Lembrando; de Risco, 1998

aguardo plantas cavando o chão me dou poesia e conheço o caminho das raízes encosto ao coração os animais da terra em Finados em silêncio amparada em novembro (húmus é a palavra a me olhar do muro) cavando me dou silêncio eu estou ouvindo eu estou perto.

Eu não morri, Novembro; de À Beira, 1999

a dor da separação! Mas se a vida continua por este universo afora, lá no sol ou lá na lua, meu amor, quem sabe, mora! Meu amor, quem sabe, mora bem mais pertinho de Deus, a Quem, com certeza implora, para ouvir os rogos meus!

Para ouvir os rogos meus, só Deus me levando agora, meu amor, pros braços teus, na amplidão do mundo afora!

Lourdes Mello, Meus Rogos; em Estro 69

Chuva e sol. Repara nas giestas atrás das frestas das persianas claras.

Guilherme de Almeida, Pacaembu Para minha alma com frio eu não sei qual é mais tendo, se o calor do sol de estio, se o calor do sol de inverno.

QUIDAIAS DE PRIMAVERA

| | | |
|---|--|---|
| Vejo um joão-de-barro bem no alto da paineira. Usa a tabatinga... | Manhã enevoada. No pasto, as pernas trêmulas, o pottinho branco... | A nobreza, o prato servido do pobre brejo. Rã apetitosa! |
| Agostinho José de Souza | Guim Ga | Marcelmo R. de Pontes |
| Cheirinho de infância lembrando aqueles quintais... Flor de goiabeira. Alda Corrêa M. Moreira | A araponga canta no meio da passarada que agita a manhã. Heloísa S. Brandão | Gatinho sem mãe... Mia tanto o pobrezinho! Meu coração dói!... Maria Madalena Ferreira |
| Do lado da casa goiabeira se flore de branco. Sombrias no rio. Carlos Roque B. de Jesus | No mastro, a tremular, o pavilhão nacional: Dia da Bandeira. Helvécio Durso | Junto com meu filho, também sonho colorido: bolhas de sabão... Mariemy Tokumu |
| Festa na fazenda. No Ikebana enfeitando flores de café... Cícero Campos | Um sonho infantil passando diante de mim... Bolha de sabão... Hermoclydes S. Franco | Desapareceram imperfeições no telhado. Buganvília em flores. Neide Rocha Portual |
| Da sacada ecoa o canto de um sabá. E eu saio atrasado... Darly O. Barros | Codorna assustada voa espantando o pottinho. Surpresas no pasto. Héron Patricio | Gaiola entreaberta... Sabá cêlere voa, menino soluça! Na paisagem verde Olga dos Santos Bussade |
| luz acesa no quarto gatos no telhado. Devanil José da Silva | de chapuzinho vermelho... – Sálvia adormecida. Humberto Del Maestro | destaca-se a buganvília... explosão de cor! Santos Teodósio |
| Senhoras conversam, uma rã pula na sala. Gritos de pavor! Djalda Winter Santos | Baía infantil, transporta uma ilusão: bolha de sabão. João Elias dos Santos | Na beira do lago pregando susto em quem pesca saltitam as rãs. Sergio Bernardo |
| Num vaso pendente baila ao vento meu chorão verdinho e feliz!!! Edel Costa | Flutuam na noite vinte bolhas de sabão. Um sonho infantil. José N. Reis | Subindo e descendo numa haste de capim balança o curió. Sergio de Jesus Luizato |
| Cisca ágil bicó roçado, o arroz semeado, voraz tico-tico. Fernando L. A. Soares | Do ninho, azulão bate asas voando em vaivém... Filhotes aprendem... Leonilda H. Justus | Arranha o aquário e os sonhos aprisionados – filhote de gato. Teruko Oda |
| Arvore singela em sua florada. O ipê se cobre de ouro. Fernando Vasconcelos | A sálvia floriou... O ano todo teu trabalho, mas valeu a pena! Luis Kohshiro Tokutake | Crianças brincam nas sombras. Um vovô atento. Yedda Ramos Maia Patricio |

SELEÇÕES MENSAIS FAZER E ENVIAR ATÉ TRÊS HAICUS

Remeter até 30.11.00, quigos à escolha:

Pintassigo, Semana da Asa, Sibipiruna.

Remeter até 30.12.00, quigos à escolha: Cata-vento (brinquedo), Dia do Dentista, Miosótis.

Fazer um haicu é como tirar uma foto ou filmar. Vemos o quigo – palavra da sação – (focalizamos), sentimos o satori ou “consciência de si”, com a mente vazia, isto é, sem preconceitos (fotografamos ou filmamos) e escrevemos esse registro limpo de uma sensação ou percepção (revelamos), compondo assim um haicu por conter o quidai, ou seja, um tema da estação, por ser seu assunto principal o quigo. O haicu deve ser narrado no instante da ocorrência e à vista do quigo, com 5-7-5 sílabas poéticas (sons) com um corte (ou brecha) após o 1º ou 2º verso, mas de forma tal que o leitor não se “perca” no relacionamento de ambas as partes, nem estas estejam por demais relacionadas. O haicu conterá ainda estas sugestões que o leitor perceberá por si mesmo, sem a aparente explicação do autor.

Sobre os trabalhos remetidos, quando necessário, orientaremos visando o aperfeiçoamento quanto a melhor percepção do haicu. Enviar para:

Manoel Fernandes Menendez
Praça Marechal Deodoro 439, Apto. 132
01150-011 - São Paulo, SP

1. Preencher até três haicus, (veja quigos acima, à escolha) em uma única ½ folha de papel, com nome, endereço e assinatura. Despachá-la normalmente pelo correio com nome e endereço do remetente, até o dia 30 do respectivo mês. Pode ser usado também sinônimos corretos dos respectivos quigos – palavras da estação, ou seja, sinônimos referentes à natureza.

2. Posteriormente o haicuísta receberá, devidamente numerada, a relação dos haicus desse mesmo mês (sujeita a possíveis falhas no texto e sem a devida correção em tempo hábil), afim de selecionar 10% deles.

3. Sete dias após remessa do rol para escolha, o haicuísta enviará seus votos numa folha, para apuração do resultado. A folha conterá, respectivamente, o nome do haicuísta selecionador (em cima e à direita do papel) e, em seguida, um abaxio do zero, o número e o texto de cada haicu assim escolhido. Escusado dizer-se que na seleção não se escolherá haicus de própria lavra, pois tais votos serão anulados bem como os que forem destinados a haicus cujo autor deixar de votar.

4. O resultado (somatório de todos os votos assim enviados), será dado por volta do dia 10 do mês seguinte.



HAICUS EM FOLHA

| | | |
|---|--|---|
| O olhar insistente denuncia o remetente. Correo elegante. Maria Reginato Labruciano | Nos buquês verdinhos, bailam gotinhas de orvalho... Brócolis fresquinhos! Elen de Novais Felix | A travessa branca e o verso escuro do brócolis. Um jogo de cores. Maria Reginato Labruciano |
| ruboriza a jovem face Paquera indiscreta. Lúvia Lacerda Menendez | recados de amor, na festa; correo elegante! Elen de Novais Felix | No dedo a aliança... No estojo, um papel antigo: correo elegante! Ercy M. M. de Faria |
| No mar e nos rios o pescador faz seu dia com redes e anzóis. Alba Christina | Correo elegante, adolescente feliz. Amor declarado. Nadyr Leme Ganzert | Os velhos amigos, contam mentiras no bar. Dia do Pescador. Maria Reginato Labruciano |
| Abrindo um sorriso, agradece ao mensageiro. Correo elegante. Roberto Resende Vilela | Jangadas de folga, é Dia do Pescador e também dos peixes. João Batista Serra | Sábado de feira. Na cesta da verdureira, um molho de brócolis. Cecy Tupimambá Ulhôa |
| Em seu belo dia, alma aberta para o mar reza o pescador. Elen de Novais Felix | Vibra o pescador: apresentando seu dia, carnume na rede. Lúvia Lacerda Menendez | Gargalhadas sonoras; é Dia do Pescador é mar de alegria. Regina Célia de Andrade |
| Se espalham buquês de verdes flores, rendadas, nas hortas de brócolis... Amália Marie G. Bornheim | Mãos experientes arrancam inflorescências. Colheita de brócolis. Roberto Resende Vilela | Ondas de lembranças no Dia do Pescador invadindo conversas. Regina Célia de Andrade |
| No mar colabora... No Dia do Pescador pôe renda nas redes! Ercy M. M. de Faria | Comemoração do Dia do Pescador. Peixada em família. Renata Paccolla | Correo elegante. Mocinha ruborizada em festa de igreja. Olga Amorim |
| Mão força a comer a criança empurra o prato Brócolis no chão... Analice Feitosa de Lima | Família feliz. No Dia do Pescador, peixes sobre a mesa. Analice Feitosa de Lima | Em folhas bem verdes brócolis oferecendo saúde amarrada. Alba Christina |
| Garoto sem fome, comendo um prato de brócolis, procura florzinhas. Renata Paccolla | Festa em família. Peixe frito, arroz e pinga... Dia do Pescador!... Olíria Alvarenga | Diálogo do Pescador... encontro para mentiras... troféu... um "peixão"! Anita Thomaz Follmann |
| Canoas sortidas, é Dia do Pescador... – fartura de peixes. Alison Cardoso de Oliveira | Ramalhetes verdes... Noiva feirante sorri... Brócolis à escolha... Ercy M. M. de Faria | Em cima do arroz repousa ramo de brócolis. Bonsai no almoço... Sérgio Serra |

CLASSIFICANDO OS TERCELOS INDEPENDENTES

Manoel Fernandes Menendez

Podemos chamar de **trevo** todos os *tercelos independentes*: ⇔ ⇔ ⇔ ⇔ ⇔ ⇔ ⇔ ⇔ ⇔ ⇔
O trevo guilhermino rima versos de 5 sílabas e, do meio, de 7 sílabas, a 2ª com a 7ª.

O trevo senriu à ocidental é conceitual, filosófico... – é um trevo à moda ocidental.

Os trevos *senriu*, *haicu de sação vaga* e, simplesmente, *haicu* (único a conter quigo), são sempre **“aqui e agora” – não conceituais, sendo:**

trevo senriu ou personagem (*não filosófico*),

trevo haicu de sação indeterminada (*aborda a natureza sem situar a estação*);

trevo haicu, poesia pura – (*o quigo, situa a estação em que o poeta está*).

O trevo haicu é, provavelmente, a mais antiga poesia moderna do mundo e o simbolizamos pelo jpé.

Trevo senriu à ocidental ou trevo ocidental:

Dia dos Finados: os cemitérios lotados. E os vivos tão sós...

Renata Paçcola

Tens o teu dia, mas... a temos o ano todo. Divina música!

Nadyr Leme Ganzert

Trevo senriu ou trevo personagem:

Ressoa finados o campanário da igreja... distante de casa.

Maria de Jesus B. de Mello

Vaia à vencedora dá o público frustrado. Festival de música.

Manoel F. Menendez

Trevo haicu de sação vaga ou trevo haicu subentendido:

O menino luta no cemitério com o vento, ao acender a vela.

Paulo Alfredo Feitoza Böhm SF 9911

Canta a bicharada; nem noite, nem madrugada. Rádio desligado.

Manoel F. Menendez

Trevo **haicu**:

Quigos *vivenciais*

da sação primavera:

Na cruz solitária, chora o orvalho da manhã. Dia de Finados. Maria Reginato Labruciano SF 9801

Um tributo a Bach: Ária pra Corda de Sol no Dia da Música...

Darly Angélica de Oliveira Barros

O R E C O V E I R O

Recorda-se, sem dúvida, o esclarecido leitor de que tanto Shakespeare como Walter Scott descrevem os seus covetores como sendo criaturas alegres e amigas de gracejar. Com a devida deferência à verdade, não podemos seguir-lhes o exemplo, e, desde já, nós confessamos que as disposições de espírito do nosso cangalheiro se harmonizam perfeitamente com o seu sombrio mister.

Adriano Prokhorof era, por temperamento, carrancudo, pensativo e reservado. Apenas rompia o silêncio habitual em ocasião de especial urgência, como, por exemplo, para repreender as filhas, se as apanhava ociosas, à janela, ou para pedir o triplo do preço pelos caixões dos infelizes (e às vezes dos felizes) que de tal precisavam.

Eram variados e múltiplos os assuntos que preocupavam o espírito de Prokhorof, nessa tarde, enquanto saboreava a sua sétima chávena de chá. Pensava no último enterro que tivera, sob um memorável temporal, em que a chuva tanto prejudicara a esse, os fatos e o chapéu. Previa certas despesas inevitáveis, porque o seu material funerário encontrava-se já em péssimo estado; ainda assim depositava, era certo, grandes esperanças na riquíssima Sra. Truchina, que havia mais de um ano flutuava entre a vida e a morte.

Truchina, porém, parecia inclinada a demorar a partida, e esta circunstância não deixava de o preocupar. Além disto afligia-o o receio de que os herdeiros procurassem outro agente funerário, apesar de lhe terem solenemente prometido que só ele seria encarregado de lhes enterrar a mãe. Cada vez mais triste e sombrio, Prokhorof chegara à sua décima chávena de chá, quando uma repentina pancada à porta lhe paralisou a atividade do pensamento.

– Pode entrar! – exclamou o cangalheiro.

Apareceu um homem, que logo à primeira vista se via ser um lojista alemão, e aproximou-se do cangalheiro com um alegre sorriso.

– Desculpe-me, meu bom vizinho, – começou ele, falando um russo bastante atrapalhado – de vir perturbar, assim, o seu sossego... Desejo travar conhecimento consigo. Sou, por ofício, sapateiro, e chamo-me Gottlieb Schultz. Moro do lado oposto desta rua, naquela casita em frente das suas janelas. Amanhã, celebro as minhas bodas de prata e esperamos que o senhor e suas filhas nos dêem a honra de jantar conosco.

O convite foi delicadamente aceito, e, no dia seguinte, ao meio-dia em ponto, o recoveiro, acompanhado de suas filhas, dirigiu-se à casa de Schultz.

A casita do sapateiro estava cheia a transbordar, constando as visitas, na sua maioria, de operários alemães, com as suas mulheres e os seu aprendizes.

Havia lá, apenas, um funcionário russo, Urko, velho polícia, que, apesar de seu humilde nome e das funções que desempenhava, aprendera habilmente a arte de predispor as pessoas de influência a seu favor.

Era muito popular e conhecidíssimo entre os residentes alemães do distrito de Nikitski, e, sem a sua presença, considerava-se incompleta qualquer de suas reuniões.

Adriano Prokhorof, quase desde o primeiro momento, ficou encantado com Urko: “Vale a pena, pensou, travar relações com um homem assim”.

E, quando foram jantar, conseguiu arranjar lugar junto de Urko.

Tanto Schultz e a mulher, como Lotchen, sua filha, de dezessete anos, trataram do jantar com o máximo cuidado, havendo de tudo em abundância. Apesar de Urko ingerir suficiente alimento para sustentar quatro homens, Adriano Prokhorof não lhe quis ficar atrás. Fizeram ambos honra ao jantar. A conversação, em alemão, no entanto, ia-se tornando mais e mais bulhenta.

De repente, o dono da casa pediu atenção. Tirando a rolha de uma garrafa, encheu o copo, exclamando, em russo:

– Bebo à saúde de minha querida Luísa!

Depois, abraçou com ternura a consorte, que teria quarenta e cinco anos, imprimindo-lhe na face rosada um ruidoso beijo. Os convivas, seguindo-lhe o exemplo, esgotaram as taças, bebendo à saúde da “querida Luísa”...

– Agora, bebo à saúde dos meus nobres amigos! – exclamou o anfitrião, abrindo outra garrafa.

Os convivas, agradecendo-lhe a gentileza, esvaziaram de novo os copos, e dali em diante continuaram as saúdes, em rápida sucessão. Beberam, separadamente, à saúde de cada pessoa e, depois, à de todos; à saúde da cidade de Moscou e à saúde de uma dúzia de colônias alemãs, dentro e nas cercanias da cidade de Moscou; à saúde de todos os operários e artistas, como corporação e separadamente, a cada individualidade conhecida; à saúde dos patrões e à saúde dos seus aprendizes.

Prokhorof bebeu copo sobre copo, tornando-se tão alegre que chegou ele próprio a fazer uma chistosa saúde. Seguiu-lhe o exemplo um gordo padeiro, que, empunhando um copo cheio de vinho, bebeu à saúde *Unserer Kundleute* (dos nossos fregueses). A esta última saúde, como aliás às outras, todos, unanimemente, responderam. Seguiu-se uma troca geral de amabilidades: o alfaiate cumprimentou o sapateiro, o sapateiro cumprimentou o alfaiate e o padeiro cumprimentou o sapateiro e o alfaiate. Enquanto se efetuava esta troca de cumprimentos, Urko levantou-se e, voltando-se para seu vizinho, dirigiu-lhe a seguinte pergunta:

– Olhe lá, amigo, então não faz uma saúde aos seus fregueses enterrados?

Este gracejo fez rir às gargalhadas os circunstantes, mas o cangalheiro, sentindo-se ofendido, assumiu um ar sombrio. Ninguém, contudo, lhe prestou atenção, e continuaram bebendo saúdes e bebendo por beber, até chegar a madrugada. Por fim, os convivas ergueram-se para sair. O gordo padeiro e o encadernador, que parecia ter a cara encadernada em couro vermelho, acompanhou Urko, de braço dado, até a sua *budka*.

O cangalheiro voltou para casa, muito bêbado e muito zangado.

– O que faria rir tanto esses idiotas? Porventura não é tão honroso o meu ofício como os deles? Ah! – argumentou sozinho, em voz alta. – Quererei eles comparar um covetor com um carrasco? Ora esperem... Eu tencionava oferecer-lhe um jantar em minha casa... mas agora... nunca!... Convidarei só os meus fregueses. Sim... os meus fregueses mortos e cristãos...

– Por que está dizendo tantas tolices, patrão? – observou-lhe a criada, que lhe estava descalçando as botas.

– Que está a dizer? Persigne-se e vá deitar, ande...

– Ora, que ideal!... Convidar gente morta para jantar!

– Então, não querem lá ver?... Pois está combinado. Tão certo como eu me chamar Adriano, hei de convidá-la a todos, amanhã. Vinde, meus bondosos amigos mortos, vinte partilhar da minha hospitalidade. Vinde... todos!...

E, após estas palavras, caiu sobre a cama e, daí a segundos, dormia profundamente.

Chegou, enfim, o dia em que a Sra. Truchina se resolveu a partir. Prokhorof foi logo chamado e ficou tão satisfeito que até recompensou com uma bela moeda preta de dez copeques o moço que lhe trouxe o recado. Depois, vestiu-se, tomou um *drosky* e dirigiu-se, apressado, à casa da Sra. Truchina. Junto ao portão, encontrou um grande grupo de polícias, de comerciantes e parentes, que fazia lembrar um bando de corvos farejando carne morta. O cadáver, amarelecido e desfigurado, foi colocado sobre uma mesa; amigos, parentes e criados logo o cercaram. Foram cerradas as janelas, acesas as velas e o padre leu as orações apropriadas ao caso. Adriano dirigiu-se ao filho da Sra. Truchina, um jovem comerciante, trajado com elegância, a fim de o informar de que tudo estava preparado para o enterro, com a máxima perfeição. O moço herdeiro agradeceu-lhe o cuidado, acrescentando que, atendendo à consternação em que se achavam, não discutiria nessa ocasião o preço, confiando plenamente no consciencioso caráter de Prokhorof. O cangalheiro, como sempre, assegurou-lhe que lhe não levaria dinheiro demais pelos seus serviços e, trocando um olhar significativo com um dos administradores das propriedades de Truchina, saiu a fim de fazer os preparativos para o enterro. O dia foi trabalhoso para Prokhorof, e foi com alívio que viu chegar a noite e terminado o seu trabalho.

A noite estava clara e o céu estrelado. O cangalheiro, ao aproximar-se de casa, ouviu alguém abrir o portão e entrar no pátio. “Quem será?”, pensou ele. “Quem me querará falar, a esta hora? Talvez algum ladrão ou um namorado para as patetas das minhas filhas! São casos fáceis de acontecer”. Lembrou-se de chamar em seu auxílio o amigo Urko. Mas, neste momento, outro indivíduo se aproximou da porta, e ia a entrar, quando estacou, ao ver o assustado cangalheiro, a quem cumprimentou, tirando da cabeça o boné branco. Pareceu a Prokhorof que não lhe eram desconhecidas as feições do intruso, apesar do inútil esforço que fez para recordar-lhe o nome.

– Vem dar-me a honra da sua visita? – balbuciou Prokhorof, com voz ofegante. Queira entrar.

– Não esteja com cerimônias! – retorquiu o desconhecido, bruscamente. – Vá à frente; ensine o caminho às suas visitas!

Abriu-se a cancela e Prokhorof e a sua visita entraram no pátio.

– Vá andando, conduza-me à sua sala de recepção! – ordenou o desconhecido.

Prokhorof obedeceu em silêncio e foi trepando a escada até ao primeiro andar. Pareceu-lhe estar a casa cheia de pessoas estranhas.

“Que demônio significa isto tudo?” pensou ele, apressando-se a entrar na sala. “É possível?” Nem tempo teve de raciocinar; tremia como uma folha ao vento e os pés pareciam estar pregados ao solo. A sala estava povoada de fantasmas. Os rostos cadavéricos, as bocas chupadas, os olhos turvos e semicerrados, inspiravam pavor. Prokhorof, aterrado, reconheceu todos os seus clientes; o desconhecido, que o seguira, era o oficial reformado, a quem havia enterrado num memorável dia de chuva. Em breve, Prokhorof achou-se cercado de um grupo numeroso de senhoras e homens, que o cumprimentavam, dirigindo-lhe amabilidades. Apenas um se conservou a distância, parecendo envergonhar-se do fato pobre e coçado que vestia; Prokhorof reconheceu-o; era um homem recentemente enterrado, a expensas da paróquia. Todos os outros trajavam de pano fino, de seda ou de cetim, ostentando uniformes os da estirpe nobre, enquanto os comerciantes vestiam os *kaftans* domingueiros.

– Então não sabia, Prokhorof? – começou o oficial reformado, tomando a palavra por todos: aceitamos o seu convite e viemos aqui gozar a sua hospitalidade. Só deixaram de vir aqueles que de todo não se podiam mexer, os que se desfizeram em pedaços, os que já não tinham carne nem pele nos ossos. Agora esses, vê aqui reunidos todos os seu fregueses e até, entre os desventurados, um houve que não pôde resistir ao seu tentador convite, e também o veio visitar.

Ao mesmo tempo, um pequeno esqueleto, abrindo caminho aos empurrões, aproximou-se de Prokhorof. Trazia o fato em farrapos e os ossos dos pés batiam uns nos outros, com ruído sinistro, dentro das botas altas de montar.

– Não me conheces, Prokhorof? – perguntou o esqueleto. – Não te recordas do ex-sargento da guarda, Pedro Petrovitch Kurilkim, o próprio, a quem, em 1799, vendeste o teu primeiro caixão? Não te recordas do caixão de pinho que tão amavelmente substituíste ao caixão de carvalho que já te havia sido pago?

Aqui, o esqueleto avançou para o envolver nos descarnados braços. Prokhorof soltou um grito de terror, e, com um soco, atirou ao chão o esqueleto. Levantou-se um burburinho geral. Todos queriam vingar a honra do seu camarada. O pobre Prokhorof foi cercado e de todos os lados romperam terríveis ameaças de vingança. Esmagado, e quase ensurdecido pelo tumulto, caiu sobre os ossos do ex-sargento da guarda e perdeu os sentidos.

Já o sol ia alto, dardejando os seus raios a pino sobre a cama de Prokhorof, quando este abriu os olhos. A criada achava-se no quarto, tratando do samovar. A recordação dos acontecimentos da noite encheu-o de pavor. Esperava ouvir da criada os resultados finais.

– Sim, senhor, dormiu bem – observou Akulina, dando-lhe o *chalat* (casaco de fumar). O vizinho, o alfaiate, veio aqui convidá-lo para uma festa de anos, mas não quisemos interromper-lhe o sono.

– Esteve aqui alguém da casa da Senhora Truchina?

– O quê? Ela morreu?

– Sempre és muito parva, rapariga! Onde tens a cabeça? Pois não foste tu própria que me ajudaste a vestir o fato para o enterro dela?

– O patrão está doído, ou são ainda os efeitos da piela? De que enterro fala? Ontem, passou o dia todo com os alemães, veio para casa a cair de bêbado, deitou-se, e dormiu até agora.

– Será possível? – exclamou o cangalheiro, com um suspiro de alívio.

– É, com certeza! – replicou Akulina.

– Bem, então chama as pequenas e vamos almoçar.